

Variação de Almeida

53

Manoel d'Almeida Filho

As Bravuras de Nequinho



SOFRIMENTOS — LUTAS E AVENTURAS

— PREÇO \$1,50 —

Small, illegible text at the bottom of the page, likely a library or archival stamp.

AS BRAVURAS DE
NEQUINHO

Sufrimentos, Lutas e Aventuras

Oh! musa casta divina
Que ao poeta inspira
Dá-me força e pensamento
Fortifica a minha lira
Para contar o romance
De Nequinho com Jandira.

Nequinho era um rapaz
Filho de um agricultor
No estado de S. Paulo
Onde era mbrador
Na alta sociedade
Gosava grande valor.

Seu pai Justino Pereira
Apezar ser muito pobre
Botou-o p'ra estudar
Com as delicias de nobre
Aonde tirou a carta
A custo de muito cobre.

Quando Nequinho formou-se
Destinou-se a viajar
Deu um passeio no sitio
Para os pais visitar
E tambem certo dinheiro
Que precisava arranjar.

Destinou essa viagem
Para cumprir sua sorte
Despediu-se da familia
Tirou guia e passa-porte
No outro dia embarcou
Foi para America do Norte.

Nequinho que tinha estudo
Falava bem portuguez
Idiomas estrangeiros
Tambem conhecia trez
Francez e Italiano
Falava bem o Inglez.

E' de formas que n'America
De quasi nada estranhou
Foi muito bem recebido
A todos cumprimentou
Que era bem procedido
Seu passa-porte constou.

Hospedou-se num hotel
Da mais alta fidalguia
Onde pouco viajante
O seu preço resistia
Por ser o hotel mais rico
Que na cidade existia.

Aqui eu deixo Nequinho
No hotel de perola fina
Para falar de Jandira
Com a sua negra sina
Como ela foi roubada
Do Brasil inda menina.

—Jandira era uma criança
Filha de um Brasileiro
Um Barão muito valente
Morava em Rio de Janeiro
Vamos ver como Jandira
Foi parar no estrangeiro:

Vieram dois americanos
Examinarem u'a mina
Quando chegaram no Rio
Viram essa tal menina
Seus olhos tinham o brilho
Da estrela matutina.

Com seis anos de idade
Tinha um gesto tão lindo
Que parecia um anjo
Nos pés da virgem dormindo
Ao romper da aurora
Quando a lua vem surgindo.

Disse um americano:
Oh! que menina galante
E' o retrato de Venus
Com seu olhar fascinante
Tem o gesto de Minerva
Oh! sorriso palpitante.

Eu que tenho vinte anos
Ela pode ter uns seis
Eu vou rouba-la e crio
Ensino a ela o Inglez
Para ser minha esposa
Quando chegar esta vez.

Assim o malvado fez
O seu plano traçoeiro
Roubou a dita menina
Seguiu para o estrangeiro
Deixou os pais de Jandira
No mais'cruel desespero.

Quando chegou na cidade
Temendo ser descoberto
Levou a pobre Jandira
Botou-a em um deserto
Presa em um palacête
Sem ter moradas por perto.

E lá botou uma velha
Para criar a menina
Aqui eu deixo Jandira
Cumprindo a dura sina
Para falar de Nequinho
Ver a sorte o que destina.

Nequinho que na cidade
Não arrumou um emprêgo
Foi expulso do hotel
Perdeu até o socêgo
Vagava de dia a noite
Como coruja ou morcêgo.

Um dia viu-se apertado
Pois a fome o obrigou
Ele entrou num hotel
Sem ter dinheiro almoçou
No terminar do almoço
A desgraça começou.

Nequinho disse: garçon
A cousa está decidida
Pois eu não tenho dinheiro
Para pagar a comida
Do geito que estou hoje
Só se pagar com a vida.

O garçon disse: bandido
Tú arrancaste u'a mina
Pois ou pagas o almoço
Ou entras na disciplina
Ou amanhã muito cedo
Estás fazendo fachina.

Nessa voz disse Nequinho:
Oh! vagabundo atrevido
Como se maltrata outro
Antes de ser ofendido
Deu-lhe um murro na cabeça
Que destampou-lhe um ouvido.

Nisso o dono do Hotel
E alguns policiais
Partiram para Nequinho
De pistolas e punhaes
Nequinho enfrentou a luta
Igual um leão voraz .

Pegou logo uma cadeira
Naquelle grande alvoroço
Disse eu v'ou pagar agora
Toda conta do almoço
Deu uma pancada num
Chegou quebrar-lhe o pescoço.

Mas a cadeira quebrou-se
Não aguentou o rojão
E a tropa em cima dele
Sem ter dó nem compaixão
Nequinho na cabeçada
Enfrentou ao batalhão.

A tropa toda gritava:
Renda-se prisioneiro
Nequinho disse: eu vou prezo
Matando um cento primeiro
Vocês hoje hão de ver
O peso de um brasileiro.

Nisso chegou um reforço
O comandante gritou:
Vamos pegar o bandido
A tropa toda avançou
Nequinho com a cabeça
De prontidão esperou.

Partiu para o comandante
Deu-lhe uma cabeçada
Que quando ele caiu
Estava feito fritada
E Nequinho tomou dele
O revolver e a espada.

Nequinho disse: eu agora
Brigo até com satanaz
Só temo a Deus do céu
E na terra a ninguém mais
Chegou mais outro reforço
Com trinta policiais.

O estandarte era feio
Nessa luta encarniçada
Nequinho com o revólver
Dava tiro de rajada
E embolava no chão
Cortando com a espada.

Mas Nequinho que estava
Da luta muito cansado
Estava quasi maluco
Quando chegou um soldado
Deu-lhe tão grande pancada
Que ele caiu desmaiado.

Quando Nequinho tornou
Estava todo algemado
Disse-lhe um oficial:
Agora estás arrumado
Amanhã logo cedinho
Hás de morrer fuzilado.

Nequinho disse: está certo
P'ra mim não é embaraço
Querem ver p'ra quanto presto?
Basta afrouxar-me um braço
P'ra eu mostrar a vocês
Que um homem não é bagaço.

Eu aqui neste paiz
Não tenho quem me socorra
Disse outro oficial:
Meu voto é que você morra
Levaram ele e trancaram
Numa imunda masmorra.

No outro dia ás dez horas
 Foi que poudeser julgado
 Quando ouviu ler a sentença
 Para ir ser fuzilado
 Disse: só assim descanso
 Deste mundo desgraçado.

Emigrei de meu paiz
 Atraz da felicidade
 E em vez de encontra-la
 Achei a barbaridade
 Morro levando comigo
 De meus pais uma saudade.

Aí levaram Nequinho
 O colocaram na praça
 Chegou um tenente e disse:
 Vamos fazer a desgraça
 Quero ver quando ele sóbe
 Na cabeça da fumaça.

Estava ali um pelotão
 Já muito bem prevenido
 O tenente gritou: fogo!
 Ouvia-se grande estampido
 E Nequinho lá de pé
 Porém não foi atingido.

O tenente de alegria
 Disse para um companheiro:
 Aquele safado agora
 Deixa de ser brasileiro
 Nequinho quebrou no beco
 Na sombra do fumaceiro.

Quando passou a fumaça
O cadaver procuraram
Tão grande foi o espanto
Quando eles não acharam
E dois tenentes de raiva
Ali se suicidaram.

Vamos saber o motivo
Que Nequinho foi feliz
Deu-se um engano gosado
P'ra salvar o infeliz
Com balas de pólvora sêca
Foi carregados os fuzis

Esses soldados tiveram
Uma sentença bem forte
Foram todos fuzilados
E Nequinho teve a sorte
De correr e se livrar
Do golpe frio da morte.

Tinha tirado trez leguas
Nessa carreira que ia
Avistou um palacête
Já quasi ao morrer do dia
Chegou à porta e bateu
Pois era o geito que havia.

Saiu uma velha magra
Perguntou de cara feia
O que deseja o senhor
Batendo na casa alheia?
Nequinho lhe perguntou:
Pode fazer-me uma ceia?

Ela disse: não senhor
 Porque eu sou empregada:
 Crio aqui a'a menina
 Que do Brasil foi roubada
 E o meu patrão é brabo
 Só cascavel assanhada.

Nequinho disse: velhinha
 Eu vou lhe falar de véra
 Pode fazer minha ceia
 Que a barriga não espera
 E se seu patrão chegar
 Eu resolvo com essa féra.

A velha disse: estou vendo
 Que dessa vez me acabou
 Nequinho disse: velhinha
 Não tenha medo do brabo
 Que eu enchendo a barriga
 Brigo até com o diabo.

A velha entrou ligeira
 E foi cuidar na comida
 Vamos saber de Jandira
 Como estava perseguida
 É como o americano
 Queria tirar-lhe a vida.

Jandira com quinze anos
 Era tão linda e formosa
 Que parecia uma santa
 Feita por mão milagrosa
 Tinha o gesto de um anjo
 E o perfume da rosa.

Ela perguntou a velha
 Que mocinho era aquele
 Disse a velha: eu não sei
 Diz ela: eu vou saber dele
 Saiu e salvou Nequinho
 Poz-se a conversar com ele.

Nequinho sem ter demora
 Contou logo a sua vida
 Jandira disse: eu também
 Me considera perdida
 Longe de minha familia
 Neste bosque desvalida.

E contando o seu passado
 Começou dizendo assim:
 Pois o homem que roubou-me
 Ontem a tarde disse a mim
 Se eu não casasse com ele
 Daqui me daria fim.

Já me deu muito dinheiro
 Mas não estou satisfeita
 Porque aquele infeliz
 Meu coração não aceita
 Ainda morta queimada
 Minh'alma ainda o regeita.

Ah! se eu tivesse a ventura
 De minha mãe avistar
 Nequinho disse: a senhora
 Querendo eu posso a levar
 A questão é ter dinheiro
 Que dê p'ra nós embarcar.

Jandira então respondeu:
Dessa forma assim eu vou
Nisso saiu a comida
Nequinho muito ceiou
Quando terminou a ceia
O americano chegou.

Bateu mão ao punhal
Deu na moça um ponta-pé
Disse a Nequinho, levante-se
E da vida perca a fé
Nequinho disse: encontrei
Forma que deu no meu pé.

Jandira nesse momento
Não faltou disposição
Deu um revolver a Nequinho
Com muita satisfação
Disse: mate este atrevido
Que eu te dou meu coração.

Nequinho disse: bandido.
Agora você me diz
Porque motivo roubou
Esta moça do meu paiz?
Respondeu o americano:
Eu roubei p'ra ser feliz.

Mas não é de sua conta
É que quer você com ela?
Entrento toda desgraça
Por esta gentil donzela
Nequinho disse: eu quebro
O texto da tua panela.

Disse-lhe o americano:
 É's um menino amarelo
 Não dás nem p'ra meia missa
 Na ponta do meu cutelo
 Olhe p'ra mim que eu sou
 A cobra que mordeu Belo.

Nequinho então respondeu:
 É's um pau que não dá obra
 O teu cutelo p'ra mim
 É' mole que chega dobra
 Olhe p'ra mim que eu sou
 Belo que matou a cobra.

Respondeu o americano:
 A tua hora é chegada
 Pelo amor de Jandira
 Não temo nem a espada
 Punhal e bala p'ra mim
 É' mesmo que panelada.

Nequinho disse: eu vou ver
 Se tua vida é segura
 Quero ver essa materia
 Que bala e punhal não fura
 Deu-lhe a carga de revolver
 Que a casa ficou escura.

Nequinho viu-se pegado
 Pelo tal americano
 Que tomou-lhe o revolver
 Com um furor tão tirano
 A força foi tão danada
 Chegou arrancar o cano.

Ele abecou Nequinho
Naquela hora fatal
Disse: chame por Jesus
É seu pai celestial
Eu quero ver quem o livra
Da ponta de meu punhal.

Nequinho disse " eu agora
Vou te mostrar quem eu sou
Mandou-lhe um sôco bem dado
O americano rodou
Antes de cair no chão
O punhal Nequinho tomou.

Nequinho disse: levanta-te
Não mato homem deitado
Ele ainda levantou-se
Mas Nequinho preparado
Meteu-lhe o punhal no peito
Que saiu do outro lado.

O americano morreu
Nessa mesma ocasião
Chegou Jandira e a velha
Com muita satisfação
Jandira disse: meu anjo
Ganhaste meu coração.

Disse Nequinho: Jandira
Vamos ver se tem dinheiro
Para sairmos daqui
Direto ao Rio de Janeiro
Para passarmos natal
Já no paiz Brasileiro.

Somente de ouro e prata
Jandira tinha guardado
Cinquenta contos de réis
Que ela tinha arranjado
Mas nunca caiu no laço
Do infeliz desgraçado.

Nequinho mandou Jandira
Vá logo hoje á cidade
Compre lá uma batina
E volte com brevidade
Que eu só posso viajar
Se for em traje de frade.

Jandira foi á cidade
No mesmo dia voltou
Um chapéo e a batina
Muito decente comprou
Nequinho em traje de frade
Para o Brasil viajou.

Quando saltaram no Rio
Tomaram uma carruagem
A velha tambem com eles
Acompanhou na viagem
Saltaram na porta do
Barão José da passagem.

O Barão que não pensava
Ser sua filha perdida
Pois não lembrava-se mais
P'ra todos era esquecida
Nequinho disse: abençõe
Sua filhinha querida.

Nequinho então contou
A historia verdadeira
Como encontrou Jandira
Triste e prisioneira
E nas garras de um monstro
Uma féra carniceira.

O Barão com a esposa
Cheios de contentamento.
Abraçaram-se com ambos:
E o barão no momento
Disse: em paga da bravura
Dou-lhe ela em casamento.

Nequinho com muito gosto
O casamento aceitou
Foi buscar sua família
Em pouco tempo chegou
Entre festejos e vivas.
Com 15 dias casou.

E na hora em que o Padre
Celebrou o himineu
O barão disse: Nequinho
Quem dá-lhe o valor sou eu
Homem que morre de medo
Não sabe de que morreu.

Estão completas as bravuras
Dum patriota guerreiro
Que lutou com heroismo
Em um país estrangeiro
Quem não comprar um romance
Não prova ser brasileiro. **FIM**

4285
NÃO DEIXE DE LER O GRANDE
ROMANCE

Historia de Vicente, o rei dos ladrões

ONDE VÊ-SE VERDADEIRAMENTE O PROFESSOR DE "CANÇÃO DE FOGO" EM SEUS MELHORES TRUQUES, TRAMAS E PALHADAS. LEIA PARA VER COMO VICENTE REVOLUCIONOU UM REINADO ATE' O REI ENGANADO EM LUGAR DA PRINCESA, COM QUEM CASOU POR SUAS ASTUCIAS...

LEIA E VEJA O MELHOR DOS ROMANCES!...

PREÇO DA CASA CR. 3,50

alg. cat. T. II - 202